

Vozes negras na literatura: o alcance do feminino diaspórico em *Cartas a uma negra*

Black voices in literature: the reach of diasporic femininity in *Cartas a uma negra*

Isabella Lameira Martins¹

O livro relata um encontro fictício e literário com a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus (1914-1977), que viabiliza uma compreensão sobre a inserção de uma literatura escrita por mulheres diaspóricas e periféricas. A mulher negra, como indivíduo atuante na história da sociedade patriarcal, ou como uma personagem representativa da literatura, teve seu papel reduzido ao antagonismo, ou, ao papel de coadjuvante em ambas as relações. O sistema patriarcal criou estereótipos femininos negros que foram reproduzidos e propagados através das artes, em especial, a literatura. Os relatos na obra rompem esse paradigma de propagação social e literária, a partir da sua principal influência, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, da brasileira Carolina Maria de Jesus, que implicará na mudança do cenário da literatura de sua época ao se tornar representatividade para tantas outras mulheres negras em situações de algum tipo de opressão sistemática.

Após um primeiro momento como best-seller no Brasil, com o lançamento de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, em 1960, pela Francisco Alves, Carolina Maria de Jesus continua a fazer sucesso fora do país, o que motivou a tradução dessas obras em quatorze línguas estrangeiras. *Le dépotoir*, tradução francesa de *Quarto de despejo*, foi publicado na França em 1962, pela Editora Stock, essa que por sua vez chega às mãos de Françoise Ega, uma martinicana que emigrou para a França durante a segunda guerra mundial.

É a partir desse contato com o texto de Carolina que Ega não somente se identifica nas palavras da escritora brasileira, como enxerga também o dia a dia de muitas de suas companheiras imigrantes antilhanas. Inspirada na referência de mulher, negra, periférica e escritora, ela decide escrever um livro em formato de cartas endereçadas a Carolina Maria de

¹Mestranda no POSLING do CEFET/MG. E-mail: bellalameira.cefetmg@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2854054581859431>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1652-7611>.

Jesus para contar a sua irmã de diáspora brasileira como suas histórias se conectavam, pela vivência do que é ser uma mulher negra em uma sociedade eurocentrista, patriarcal e fortemente marcada pelo racismo. Dessa forma nasce *Lettres à une noire / Cartas a uma negra*, publicado em 1978, após a morte de Françoise e de Carolina; portanto, nunca pôde ser lida pela escritora inspiradora.

O livro relata, literariamente, a própria vida de Ega, que foi uma escritora e militante social martinicana. Ega desempenhou um papel de suma importância na periferia da cidade de Marselha ao denunciar as situações abusivas de trabalho e tratamento vividos por imigrantes antilhanas, que, buscavam na França, melhores condições de vida nos anos 60, e, devido a toda fragilidade do recomeço em um lugar novo, acabavam submetidas a trabalhos com baixíssima ou nenhuma condição trabalhista ou dignidade.

Há relatos na obra de que retratam essas condições, as personagens que migravam e eram direcionadas ao serviço doméstico sequer podiam usar o banheiro das casas onde trabalhavam. Ega se dedicou à criação de associações sociais e na luta política por direitos da população periférica, em sua maioria, imigrantes em Marselha. Essas e outras experiências de Ega são base para a composição e ambientação de sua obra *Cartas a uma negra*.

Ega apresenta em sua obra ser uma grande leitora e entusiasta de autores negros, a escritora martinicana no decorrer da obra mostra plena consciência quanto a sua identidade racial tal qual todas as formas de opressão, desmerecimento e desrespeito sofridos em sociedade.

E, é a partir dessa consciência e dessa compreensão e busca por representatividade, que Françoise desenvolve o contato com a obra da brasileira Carolina Maria de Jesus. Ega comprava toda semana a revista *Paris Match*, famosa por dedicar algumas matérias relacionadas a escritores e personalidades negras naquela época, acabou encontrando uma reportagem sobre Carolina na edição de 05 de maio de 1962, seguida de um resumo e trechos de *Quarto de despejo* (1960). Na época, Françoise seguia suas atividades enquanto mãe e militante, mas também trabalhava como empregada doméstica. Não por acaso, nem por extrema necessidade, o ganho de seu marido era suficiente para o sustento da família, mas após ouvir sobre a rotina sofrida por outras mulheres antilhanas e o que elas passavam sendo domésticas, ela decidiu que também queria sentir na pele como suas irmãs negras, antilhanas e expatriadas experienciavam aquela situação.

Ega faz uma espécie de pesquisa de campo nessa nova empreitada com empregada doméstica, sempre com o olhar muito atento a tudo, e analisando os comportamentos de seus padrões para com ela. Nesse momento, surge como gatilho, a identificação com a obra da Brasileira Carolina. Ega então decide, cotidianamente, escrever cartas para Carolina com uma personagem real-fictícia.

O livro póstumo *Cartas a uma negra*, publicado em 1978, é interessantíssimo a todas as pessoas da diáspora principalmente a mulheres e público brasileiro, como dito anteriormente, consiste em cartas endereçadas, mas jamais enviadas, à escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, o que não só aproxima essa representatividade como explicita a necessidade de mais escritas diaspóricas na literatura universal.

A obra se apresenta em gênero epistolar e é dividida em 19 capítulos com cartas datadas de maio de 1962 a junho de 1964, essas cartas criam uma sensação quotidiana, uma ferramenta na estrutura e cronologia do texto, criando brilhantemente uma aproximação subliminar ao diário de Carolina Maria de Jesus, assim, como as descrições e ambientações que ambas fizeram de seu território periférico.

O livro *Cartas a uma negra* inicia com uma resposta, causando ao leitor a ideia de um diálogo entre as obras de Françoise e Carolina: “Sim, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs” (EGA, 1978, p. 9). Essa ideia inicial expressa na obra de Françoise parece, por certo, responder ao questionamento que Carolina Maria de Jesus faz em seu livro-diário “Quarto de despejo”, no dia 17 de maio de 1958: “Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil?” (JESUS, 2014, p. 33).

Cartas a uma negra foi de extrema importância ao ser um dos primeiros registros que denunciava a realidade das mulheres antilhanas vindas para a França no processo imigração para metrópole em busca de melhores condições de vida, através do *Bumidom* que era um serviço de imigração e departamentos ultramarinos franceses, uma instituição para regular e incentivar a emigração a partir dos territórios ultramarinos em relação à metrópole francesa. Diferente do que eram prometidas, essas mulheres não possuíam orientação a trabalhos igualitários, o mercado de trabalho para as mulheres antilhanas naquele contexto as empurravam para um único trabalho, o de empregada doméstica, que, no entanto em sua maioria, com pouca ou nenhuma condição digna de trabalho. Muitos senhores e senhoras

francesas arcavam com o custo de viagem dessas mulheres e negociavam o trabalho delas em troca do custeio, assim, ali se viam à mercê de indulgências de todos os tipos para conseguirem arcar com a sobrevivência. Pontos claramente explorados e denunciados na obra de Ega:

2 de junho de 1962 Carolina, ontem foi a Festa da Ascensão. Na igreja do meu bairro, eu vi uma menina da mesma raça que a minha soluçando depois da comunhão. Aquilo me revirou o estômago; eu quis saber quem era ela e o que ela estava fazendo ali, na periferia de Marselha, com um vestido de verão sendo que ainda estava fresco e eu usava um grande pull-over. Ela sorriu. Falei em patoá, isso deu mais confiança.

Ela me contou que “fizeram ela vir”. [...] Meu sangue fervia, Carolina! [...] De fato, há muitas meninas que “fazem vir” pra Marselha. Elas deixam as ilhas por um destino melhor. Eu as observo, e é sempre a mesma coisa, [...]. (EGA, 1978, p. 12).

Os relatos expressos na obra enfatizam uma coerente relação com a realidade histórica e denunciativa das empregadas domésticas, na França dos anos 60, diretamente ligadas às discussões acerca do *Bumidom*, e toda a exploração de mulheres antilhanas, vindas a metrópole em busca de qualidade de vida. Assim como o livro que a inspira: denuncia realidades brasileiras vividas por uma mulher negra e periférica. Faz-nos pensar sobre o quão essas inúmeras mulheres da diáspora negra foram silenciadas no espaço literário, e como o alcance dessa representatividade é efetivo. Assim, como a obra de Carolina de Jesus, ressoa nas realidades das mulheres exploradas em todo o mundo, sobretudo, as mulheres negras. E isso ressalta o quanto essas minorias, foram silenciadas em todos os espaços, inclusive no espaço da produção de livros. No entanto, Ega e Carolina, são máquinas de guerra, são guerreiras. E sob os mais terríveis territórios hierarquizantes, atravessam com seus corpos e vozes e fizeram ecoar seu canto.

REFERÊNCIAS

SIQUEIRA, Samanta. **Tudo o que tu escreveste, eu sei** – a tradição de uma literatura escrita por mulheres diaspóricas: o encontro da brasileira Carolina Maria de Jesus com a martinicana Françoise Ega. In: Nau Literária. PPG-LET UFRGS: Rio Grande do Sul, 2020.

EGA, Françoise. **Cartas a uma negra**: Todavia; 1ª edição. São Paulo, 2021

AUTOR – Isabella Lameira Martins
E-mail: bellalameira.cefetmg@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-1652-7611>.

Recebido em: **19 ago. 2022**
Aprovado em: **09 set. 2022**

